

---

# Phosphoros

*Rótulos com História*

01

A INDÚSTRIA  
FOSFOREIRA  
PORTUGUESA

02

COLECÇÃO  
1860 - 1895

03

COLECÇÃO  
1895 - 1990



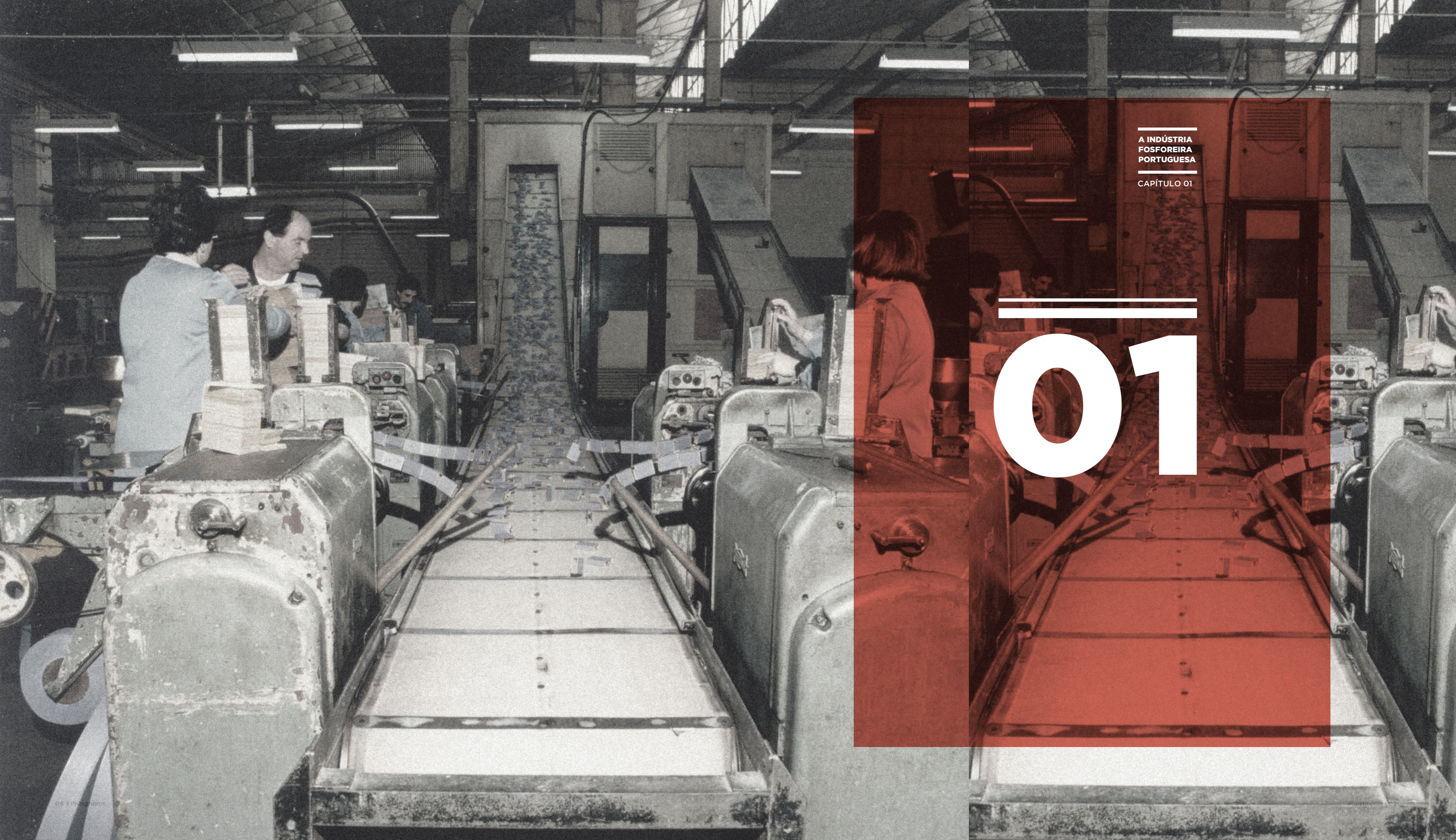
# INTRODUÇÃO

“*Phosphoros - Rótulos com História*” apresenta-se como um projecto de ilustração documental que evidencia parte do espólio da indústria fosforeira portuguesa.

Trata-se de uma pesquisa imagética, que abrange rótulos originários de diferentes fabricantes da indústria referida, desde as suas origens, o último quartel do século XIX até à última década do século XX.

Esta indústria foi muito importante no campo económico e político devido aos capitais que envolvia e fazia circular, à mão de obra que empregava e, ainda, às divisas que a exportação dos seus produtos fazia entrar no país. Neste sentido, estes pequenos rótulos transportam um significativo valor cultural e artístico, exibem graficamente a história de um país, Portugal, podendo ser apontados distintos estilos gráficos e temáticas.

Este livro procura, portanto, dar a conhecer esta parte do património cultural e artístico português e acompanhar de que forma as mensagens visuais exibidas nos exemplares desta amostra invadiram o quotidiano português e se projectaram nas memórias a eles associadas.



A INDÚSTRIA  
FOSFOREIRA  
PORTUGUESA

CAPÍTULO 01

# 01

# O RÓTULO

BREVE HISTÓRIA  
DO RÓTULO DE  
EMBALAGENS

O rótulo representa um importante veículo de comunicação entre o consumidor e o produto, visto que, concebe uma identidade ao produto que se revela numa das principais estratégias do fabricante para poder informar, persuadir e vender o seu artigo.

Os rótulos de embalagens são sobretudo registos históricos, que simbolizam a cultura, os valores e os ideais de uma sociedade numa determinada época histórica. Revelam os gostos, os costumes e as tendências ecléticas de consumo cultural, evidenciados pelo padrão artístico apresentado e pelos apelos de consumo momentâneos.

A evolução histórica do rótulo é indissociável do percurso histórico das embalagens. Neste sentido, as primeiras evidências da utilização de embalagens remontam há cerca de 500 mil anos, estando estas associadas às primeiras necessidades do homem, ou seja, quando os nossos primórdios deixaram de ser nómadas e necessitaram de criar novos meios para conservar o próprio alimento.

No entanto, foi o comércio, o grande impulsionador e responsável por este desenvolvimento, as viagens e caravanas, não só, geraram novos itens de troca como também permitiram o desenvolvimento de novas respostas face à necessidade de uma melhor proteção dos produtos, para que estes resistissem durante o transporte em distâncias mais longas. Por esta altura, as embalagens possuíam rótulos que não eram mais do que marcas feitas manualmente com o único objectivo de identificar os produtos.

Todavia, a inevitável substituição do trabalho manual pelo trabalho da máquina, tornou-se real para o mercado global e exigiu o surgimento de novos materiais e técnicas mais eficientes para o desenvolvimento das embalagens e respectivos rótulos. Desta forma, os processos de produção

foram evoluindo do artesanal para o industrial. Este processo de evolução, contou com o aperfeiçoamento, principalmente, da indústria gráfica, que já em 1450, tinha ganho impulso com a invenção da prensa por Johann Gutenberg, aumentando assim a velocidade da impressão sobre papel e facilitando o processo de produção da embalagem.

Mas, a primeira grande mudança da história das embalagens ocorreu com a Revolução Industrial no século XVIII. Com o aparecimento dos caminhos-de-ferro, do barco a vapor e com o desenvolvimento das fábricas, a necessidade de transportar os produtos com sucesso aos diferentes locais era agora uma prioridade.

No ano de 1798 o desenvolvimento das gráficas volta a surpreender com o aparecimento da máquina de fazer papel por Nicolas Louis Robert que paralelamente com a técnica litográfica, criada por Alois Senefelder possibilitou uma impressão mais económica e menos morosa. Este feito, ao longo do século XIX, concedeu aos rótulos um alto grau de sedução chamando a atenção dos consumidores e tornando-os mais exigentes relativamente ao aspecto visual das embalagens, facto que iremos abordar no subcapítulo seguinte.

Desde então, os rótulos deixaram de ter uma função meramente informativa, agora o seu aspecto visual era cada vez mais valorizado, facto que se tornou ainda mais evidente nas décadas de 40 e 50 do século XX, com o surgimento dos primeiros supermercados. Aqui, a função comercial ganhou ainda mais destaque, o desenvolvimento da economia e do capitalismo, fizeram com que a embalagem adquirisse também a função de comunicação do produto ao consumidor, levando ao desenvolvimento de embalagens que permitissem atrair o cliente por meio de um apelo estético atraente e comunicativo, aumentando assim, o interesse do consumidor pelo produto.

## A INDÚSTRIA FOSFOREIRA PORTUGUESA

# 1895

É fundada, por decisão governamental, a *Companhia Portuguesa de Phosphoros*.

### 1910

5 de Outubro de 1910. Instauração da República em Portugal

# 1925

Termina a concessão estatal que durante 30 anos concedeu exclusividade de mercado à *Companhia Portuguesa de Phosphoros*

### 1934

Exposição Colonial do Porto

### 1933

É aprovado o documento fundador do Estado Novo em Portugal, constituição política que vigorou entre 1933 e 1974

### 1940

Exposição do Mundo Português, comemoração do oitavo centenário da fundação da nação portuguesa

# 1967

A *Companhia Lusitana de Fósforos* foi integrada na SNF

### 1974

Na Revolução de 25 de Abril de 1974, Lisboa assistiu a um movimento militar, com a colaboração de vários regimentos militares que puseram termo a 48 anos de ditadura.

# 2006

A *Fosforeira Portuguesa* encerra e surge a *Chama Vermelha, S.A.*, que resulta do trespasse efectuado pela *Fosforeira Portuguesa*

# 1862

Início de actividade da indústria portuguesa de fósforos

# 1922

Surge a filial de África a *Sociedade Colonial de Phosphoros, LDA*

# 1926

É fundada a *Sociedade Nacional de Fósforos (SNF)* que herda os alvarás da extinta *Companhia Portuguesa de Phosphoros*

Surgem a *Fosforeira Portuguesa de Espinho*, a *Companhia Lusitana de Fósforos*, a *Companhia Continental de Fósforos*

### 1914-1919

Primeira Grande Guerra Mundial

Golpe militar de 28 de Maio de colocou fim à Primeira República Portuguesa

### 1939-1945

Segunda Grande Guerra Mundial

### 1986

Portugal o país adere à CEE, actual União Europeia

# 1993

Encerramento da SNF

# A INDÚSTRIA FOSFOREIRA PORTUGUESA

Até ao início do século XIX, sempre que havia a necessidade de acender fogo, era preciso atear-lo friccionando duas pedras ou transportando-o de um outro local onde já estivesse em combustão. Sendo o fogo a maior conquista do ser humano na Pré-História, desde logo o homem preocupou-se com a sua conservação conseguindo-a com a invenção do fósforo e com a consequente reprodução e evolução deste.

Os primeiros documentos oficiais que referem a indústria portuguesa de fósforos datam de 1870, no entanto, esta, já teria iniciado a sua actividade em 1862. A sua produção era feita de forma artesanal e em pequenas oficinas e contava já com cerca de 69 fábricas espalhadas por todo o país. Um olhar de relance pelas instalações das fábricas portuguesas, revelava que a estrutura empresarial pouco evoluía. O considerável aumento do número de sociedades (para mais do dobro só na área industrial) não era

acompanhado pela concentração dos meios de produção, que permaneciam dispersos por inúmeras oficinas de todos os géneros, com o seu exército de artífices inflacionado pelo escasso desenvolvimento tecnológico.

Nesta perspectiva, dadas as precárias condições técnicas e de segurança com que se manuseavam os materiais altamente inflamáveis para a produção do fósforo, sucediam-se em todo território português, situações de pequenos ou grandes incêndios, alguns provocando mortes e elevados prejuízos materiais.

Em Portugal, eram produzidos dois tipos de fósforos: o de pau e o de cera, sendo os primeiros os mais comercializados. O fabrico destes exigia diversas tarefas, desde a manufactura dos palitos de madeira, rachá-los e finalmente o embalamento, ou seja, a dobragem e preenchimento das caixas.



01

01  
Fábrica da Fosforeira  
Portuguesa de Espinho



02

a disciplinar a produção, mandando cessar toda a laboração nas fábricas de fósforos existentes, com exceção da *Companhia A Geral de Fósforos* e a *Companhia de Fósforos Segurança*. Neste contexto, foi fundada, por decisão governamental, a *Companhia Portuguesa de Phosphoros*, à qual foi concedido o exclusivo do fabrico de fósforos. Esta abriu duas fábricas de grande porte; uma em Lordelo do Ouro, no Porto, e outra no Beato, em Lisboa, nas quais foram produzidos fósforos de enxofre, integrais e amorfos, de cera e de madeira, em oficinas devidamente separadas e com tarefas definidas. O consórcio era formado por eminentes negociantes e capitalistas que terão garantido o empréstimo de mil e duzentos contos necessário para o arranque da *Companhia Portuguesa de Phosphoros*.

O consórcio que deu origem à então, *Companhia Portuguesa de Phosphoros* foi formado por distintos negociantes, tais como: *Vieiras & Mendonça (Fábrica Boa Fé)* - Porto; *Companhia A Geral de Fósforos* - Porto e Lisboa; *Companhia de Fósforos Segurança- Porto*; Francisco

As máquinas instaladas nestas fábricas eram ainda muito rudimentares, quase todas de origem nacional, com a excepção de algumas com a funcionalidade de produção de embalagens. Portanto, as caixas de cartão litografado eram produzidas em território português ou estrangeiro e confeccionadas quase sempre por mulheres e crianças, visto que, apenas um número mínimo de fábricas dispunha de uma oficina de litografia própria. Foram várias as fábricas que importaram de litografias italianas as folhas necessárias à montagem dessas caixas de cartão.

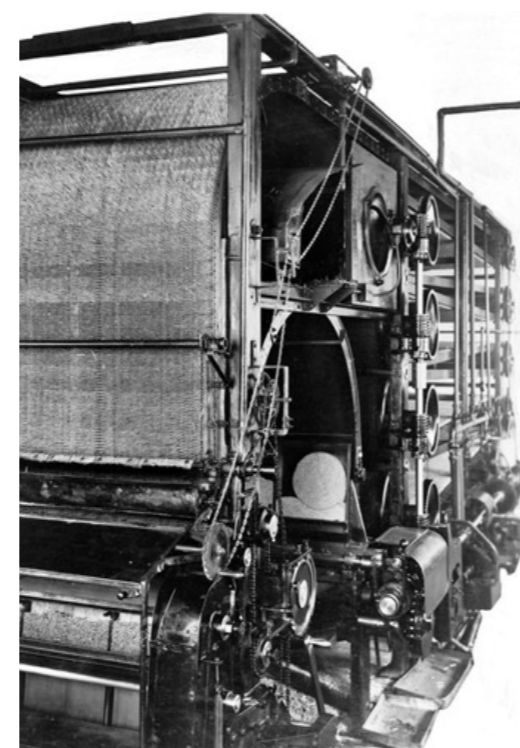
A fraca instrução e a pobreza da população trabalhadora permitiam a exploração de mão-de-obra não qualificada, maioritariamente constituída por mulheres a troco de um salário muito baixo. Já os fabricantes que se dedicavam clandestinamente ao fabrico manual de fósforos de madeira, encabeçados a enxofre enrolavam-nos em pequenos invólucros de papel pardo, para serem vendidos em feiras ou por vendedores ambulantes que transportavam,

suspensos a tiracolo, um tabuleiro exposto as diversas embalagens de fósforos.

A obrigação de cintar o fabrico apresentando o nome ou a marca do fabricante, foi determinada em 1892. Nessa data, foram retiradas autorizações de fabrico aos vários fabricantes que apresentavam cintas ilegíveis marcadas com carimbos de borracha abertos a canivete. As dificuldades criadas aos pequenos fabricantes implicou que alguns passassem a laborar e a vender clandestinamente. No entanto a maioria optou pela continuação do fabrico de fósforos, vendendo-os, às fábricas de maior produção.

Portanto, a partir do momento em que os fósforos passaram a ter uma embalagem mais condigna, foi possível identificar, o fabricante, a localização e até em algumas identificar a origem da litografia.

Em 1895, o então Presidente do Concelho e Ministro da Fazenda, Conselheiro Hintze Ribeiro implantou medidas legais restritivas, de forma



03

02  
Fábrica da *Companhia Portuguesa de Phosphoros* em Lordelo do Ouro, no Porto

03  
Máquina de fabricação de massa para fósforos da *Fosforeira Portuguesa de Espinho*

António Borges - Porto; *Companhia Nacional de Fósforos* - Lisboa; *Companhia de Fósforos Químicos* - Lisboa; *Fábrica de Fósforos de Alcochete* - Lisboa; José Maria Fonseca - Lisboa; Arthur Barbosa Santos - Lisboa; Adolpho Correia Barbosa - Lisboa; Rodrigo Jorge Furtado - Lisboa e finalmente João Marques da Silva (*Fábrica Progresso*) - Lisboa.

Já em 1922, surgiu a filial de África - *Sociedade Colonial de Phosphoros, LDA*, marcando o aumento da produção e um alargamento às ilhas e colónias portuguesas, como Angola e Moçambique. Posteriormente, ainda no contexto das exportações, surgiu a *Companhia Fosforeira de Goa, LDA/India Portuguesa*.

A data de Junho de 1925 marcou uma mudança significativa no sector fosforeiro português, pois, é dado como terminada a concessão estatal que durante 30 anos concedeu exclusividade de mercado à *Companhia Portuguesa de Phosphoros*. Abria-se, deste modo, a actividade industrial às empresas que se constituíssem para o efeito, com a condição de o Estado ter uma

participação de 25% do capital social. Neste âmbito, em Março de 1926, nasce a *Sociedade Nacional de Fósforos (SNF)* e herda os alvarás da extinta *Companhia Portuguesa de Phosphoros*, esta sociedade era constituída por uma extensa linha de produção que integrava todos os trabalhos de produção, desde o corte e tratamento da madeira, à realização da "massa" dos fósforos e respectivo embalamento, tornando, assim, possível combater a concorrência das outras unidades que entretanto surgiram, a *Fosforeira Portuguesa de Espinho*, sediada em Espinho, no Porto a *Companhia Lusitana de Fósforos* e a *Companhia Continental de Fósforos*.

Em 1930 a SNF formou uma parceria com a companhia sueca de fósforos *Swedish Match*, que introduziu nova tecnologia na produção da fábrica portuguesa. Com excepção do fósforo, todas as matérias-primas eram nacionais (madeira para as caixas e palitos fosfóricos, cartolina para as carteiras, papel para as etiquetas, gavetas, etc), podendo considerar-se que esta era uma indústria de cariz nacional e muito influente devido aos capitais que envolvia,

à mão de obra que empregava e, ainda, às divisas que a exportação dos seus produtos fazia entrar no país.

Embora não fosse monopolizada, esta indústria era fiscalizada pelo Estado Novo, que quando se apercebeu da vulgarização do uso do isqueiro e do conseqüente descair desta notável indústria, lançou a "Licença Anual para uso de Acendedores e Isqueiros", que viria a resultar num refrear da sua crescente utilização, já que estaria a causar um enorme rombo na indústria em questão, revertendo para esta toda a receita das licenças emitidas, bem como o valor das multas aplicadas pela inobservância da lei.

Como já foi referido esta indústria era muito importante para a economia nacional e segundo o Boletim Estatístico de 1963, a produção anual das quatro fábricas era superior a 16 biliões de fósforos e estavam empregadas na totalidade destas mais de 800 pessoas.

Em 1967, a *Companhia Lusitana de Fósforos*, com sede no Porto, foi integrada na SNF. No entanto, com a globalização, a indústria fosforeira portuguesa nada pôde fazer para solucionar a crise que se estabeleceu no sector e que colocou em causa a sua viabilidade no nosso país. Tratou-se do problema da concorrência, fruto da importação de fósforos dos novos países da União Europeia e de países terceiros, como a China. Por efeito da mudança dos hábitos de consumo, as grandes e importantes fábricas fosforeiras portuguesas, que produziram durante décadas autênticos objectos de colecção, acabaram por entrar em decadência.

Em 1993 a SNF encerrou definitivamente e em 2006, foi a vez da *Fosforeira Portuguesa de Espinho* fechar, abandonando as suas notáveis colecções de caixas de fósforos, temáticas e publicitárias, que entusiasmaram inúmeros coleccionadores filumenistas.

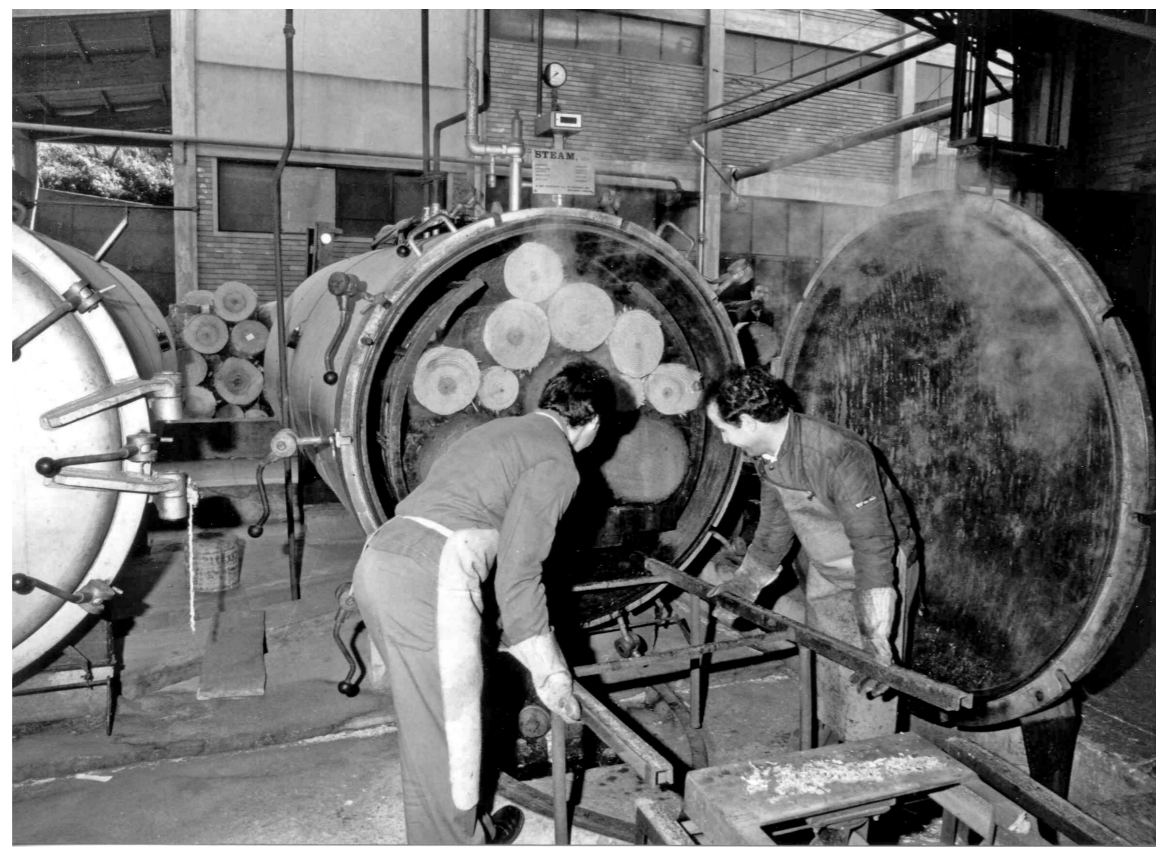
Contudo, a empresa *Chama Vermelha, S.A.*, localizada em Vila Nova de Gaia, que resultou do trespasse efectuado pela *Fosforeira Portuguesa de Espinho*, é actualmente a única empresa portuguesa a produzir fósforos na Península Ibérica.



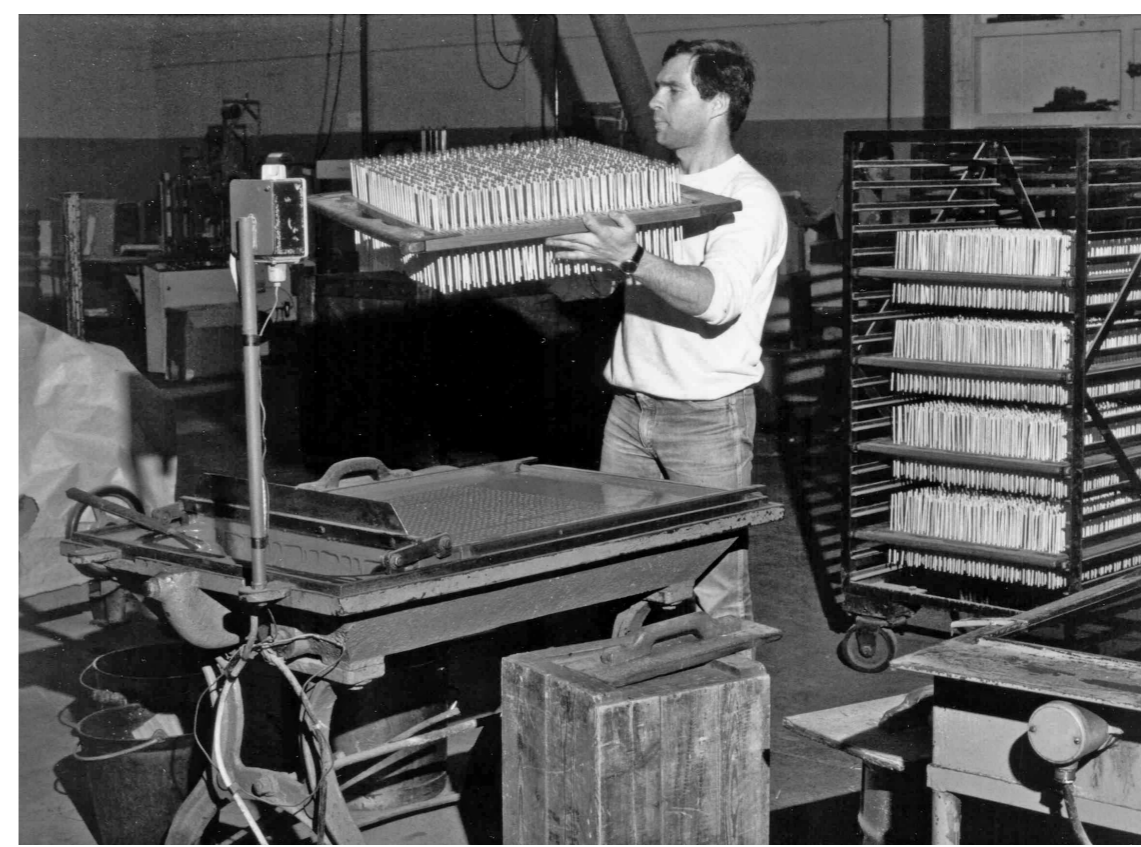
04

04  
Processo de fabrico de fósforos realizado na sua maioria por mulheres, na fábrica da *Companhia Portuguesa de Phosphoros* em Lordelo do Ouro, no Porto

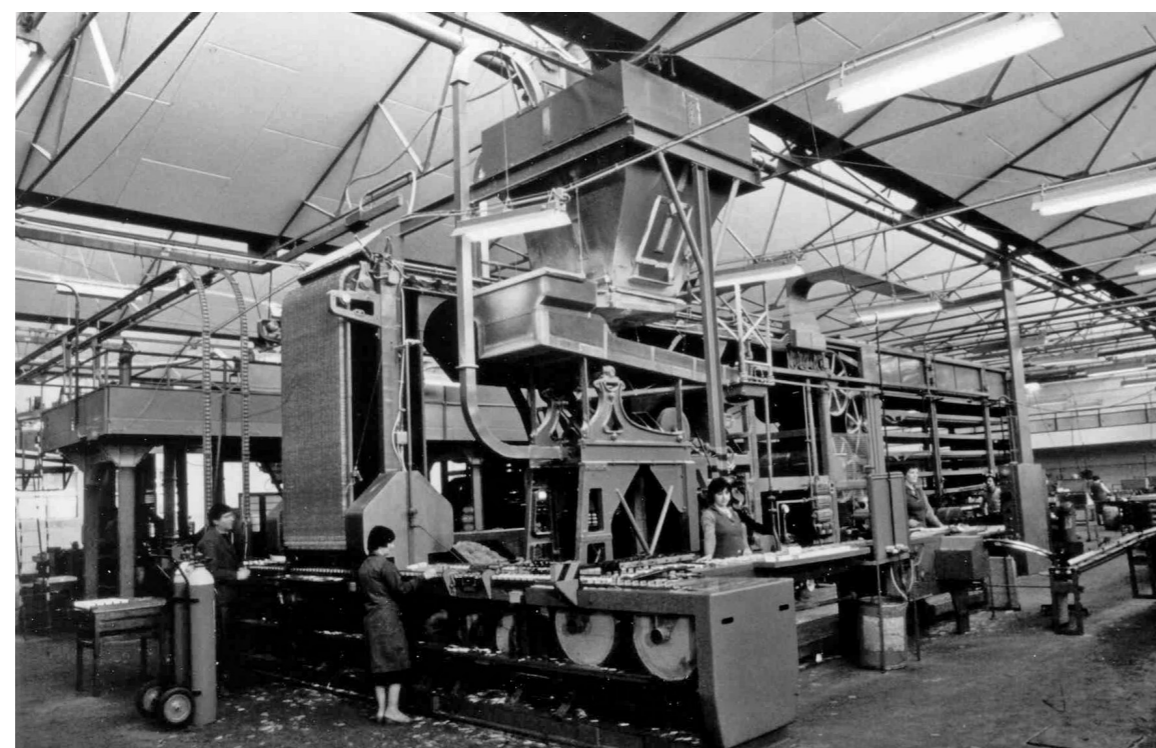
A SNF possuía uma linha de produção completa, o que lhe conferia a capacidade de produzir todos os materiais necessários ao fabrico de diferentes tipos de fósforos, desde o palito de madeira, de cera, bem como, as caixas de madeira e de cartão. A unidade contemplava, ainda, uma litografia que produzia as caixas de fósforos.



05



07



06



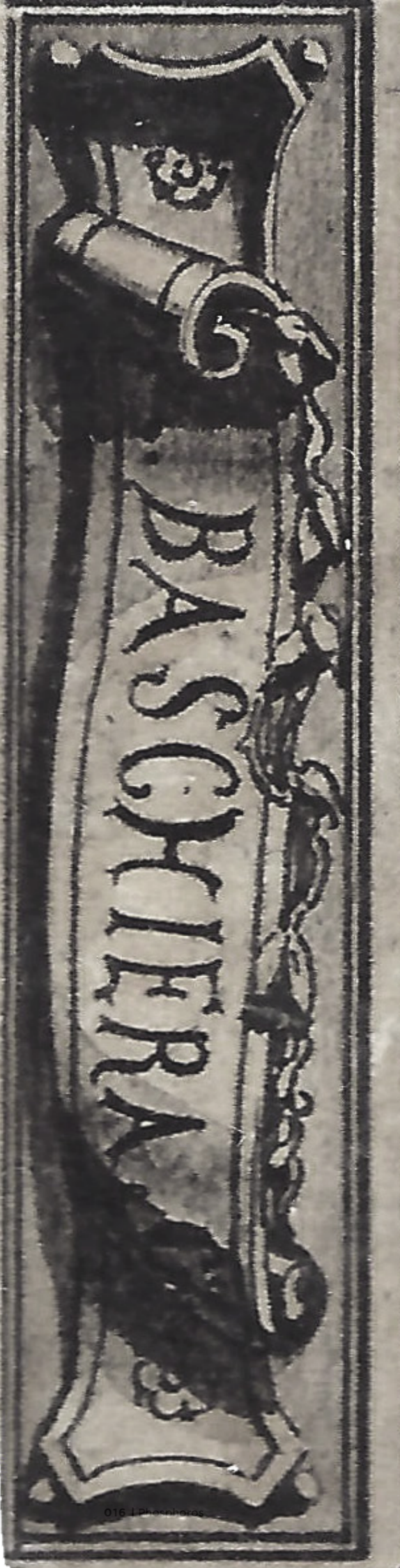
08

**05** Interior da fábrica da SNF onde se pode observar umas das etapas do tratamento da madeira para o fabrico dos palitos e das embalagens para os fósforos.

**06** Linha de produção na fábrica da SNF.

**07** Finalização do processo de fabrico do palito de madeira na fábrica da SNF

**08** Processo de etiquetagem e embalamento das caixas de fósforos da SNF



COLEÇÃO  
1860 - 1895

CAPÍTULO 02

# 02



# O LEGADO DO FINAL DO SÉCULO XIX

## AS LITOGRAFIAS ITALIANAS

As célebres coleções de caixas litografadas com cores vibrantes ou simplesmente a preto e branco, dedicadas a personalidades, maioritariamente femininas, a músicos e a situações do quotidiano, destacam-se pela sua exuberância e diversidade de elementos gráficos e pelo recurso a um lettering bastante rebuscado nas extremidade das embalagens. Estas caixas, em cartão litografado de produção estrangeira, importadas na sua maioria das litografias italianas, *Abbona & Romagnal*, *Armarino* e *Doyen* atribuíam a este produto manufacturado uma qualidade que na época poucas litografias portuguesas podiam alcançar tendo sido das primeiras a serem comercializadas no nosso país durante as últimas décadas do século XIX.



09



10



11



12

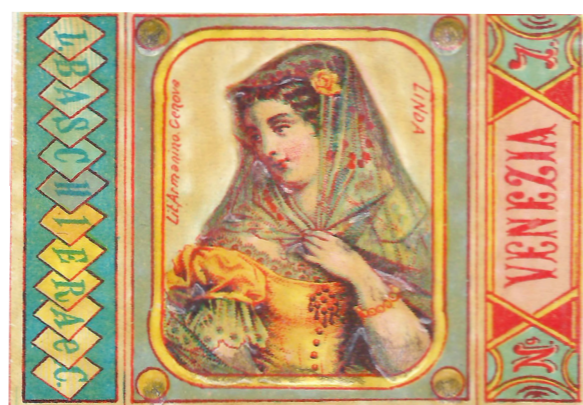


13

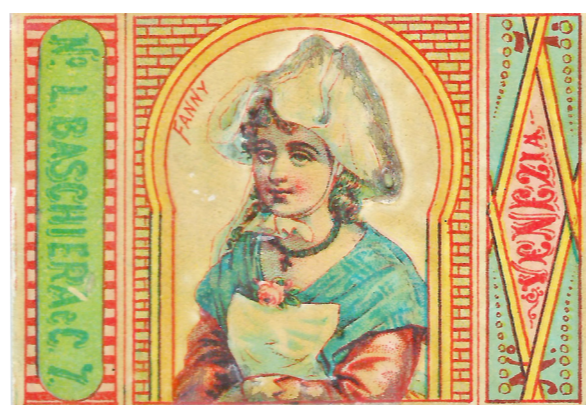


14

9-14  
Coleção | Venezia P.B  
Litografia | Armarino  
Fábrica | L. Baschirra C'  
Ano | 1870-1895



15



16



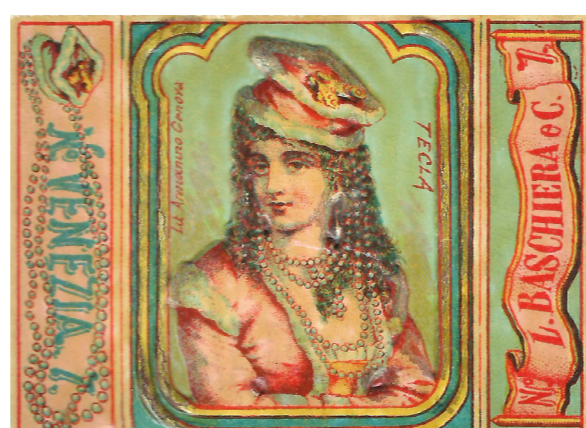
21



22



17



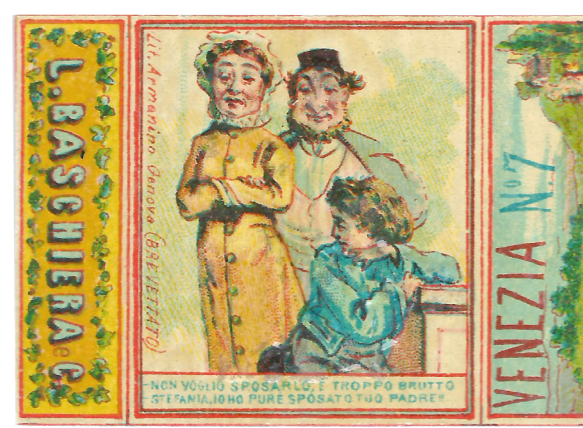
18



23



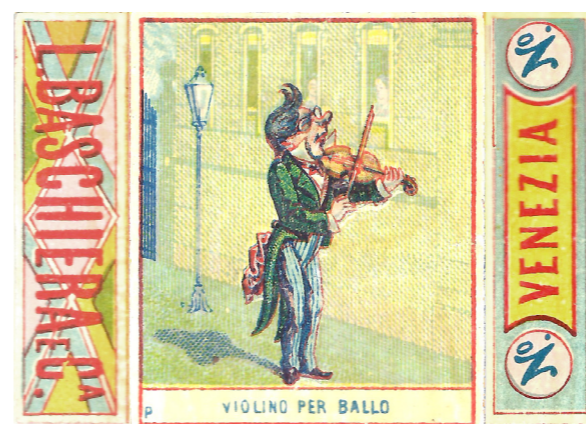
24



19



20



25



26

15-20  
Coleção | Venezia  
Litografia | Armario  
Fábrica | L. Baschirta C<sup>a</sup>  
Ano | 1870-1895

21-26  
Coleção | Venezia  
Litografia | Armario  
Fábrica | L. Baschirta C<sup>a</sup>  
Ano | 1870-1895

## O QUOTIDIANO DE UMA SOCIEDADE RURAL E URBANA

Em Portugal, a partir da década de 60 do século XIX a paz regeneradora satisfaz grande parte do poder político. Os partidos eram, portanto, organizações de burgueses que repartiam o poder em convivência com o rei.

Neste sentido verifica-se que as ilustrações apresentadas nos rótulos produzidos nas diversas fábricas de fósforos que laboraram em território nacional até finais do século XIX, narram na sua maioria, diversas cenas do quotidiano português, como a vida urbana (ambientes populares, o quotidiano intelectual e burguês, retratos, paisagens e cenas bucólicas) bem como, a vida rural poética ou folclórica (camponeses). Por vezes, o motivo ilustrado faz-se acompanhar com legendas de índole humorística e satírica. Estas reproduções são enigmas figurados e consistem numa representação figurativa que tomam como objectivo a reconstrução de ditados, aforismos e opiniões trocistas. Não podendo, por isso, ignorar a existência de um conjunto de influências exercidas pela vida quotidiana portuguesa desta época na temática dos rótulos em exposição.



27



28



29

27-29  
Coleção | Estações do Ano  
Fábrica | C.A. Geral de Phosphoros  
Ano | 1870-1895



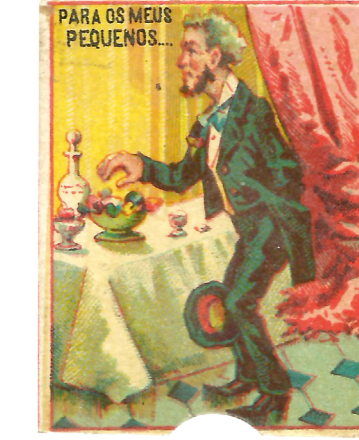
30



31



32



33



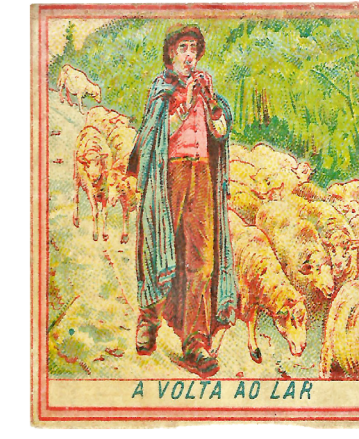
34



35



36



37

Neste contexto, constatamos que por esta altura o promissório mundo industrializado e urbano que aproveitava uma fase radiante, desfrutava das novas tecnologias com grande satisfação, oferecendo novos hábitos e vivências a um mundo sedento de novidade. Porém, Portugal mantinha-se recôndito e ignorado no canto da Península Ibérica. Era um país ainda maioritariamente rural de pequena dimensão, modesto e alheio à cultura

industrial, onde o espírito do tempo chegou mais tardiamente. Mas, apesar de tudo, Portugal situava-se na Europa o que significava que iria ser confrontado o quanto antes por um assopro de desenvolvimento.

De facto, a então branda, mas impassível industrialização incitou uma alteração social. A classe que possuía agora fortuna e logo influência, já não era apenas a aristocracia, mas

igualmente a classe empresarial emergente, que garantiam lugar nas cerimónias outrora destinadas apenas à nobreza. Salões onde só se privava a convite, bailes exclusivos, com um gosto aprimorado pela cortesia, em que a paciência gentil para com as mulheres e a estimação pelo convívio, constituíam a satisfação e o comportamento da alta sociedade deste tempo.

30  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armario  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

35  
Coleção | s/título  
Fábrica | Fábrica Boa Fé  
Ano | 1870-1895

31  
Coleção | Notícias Políticas  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

36  
Coleção | Casarios  
Litografia | Peninsular  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

32  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armario  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

37  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armario  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

33  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

34  
Coleção | S/ título  
Fábrica | Fábrica Boa Fé  
Ano | 1870-1895

Os clichés amorosos, seguiam determinadas prudências, não descurando que muitos dos casamentos se faziam por conveniência familiar, era no entanto, de regra praticar as normas do galanteio. Estas rigorosas etiquetas eram assimiladas desde tenra idade, pois, qualquer gesto por parte da mulher ou do homem tinha um significado próprio e para quem o não distinguisse poderia ser mal interpretado.

Deste modo, a mulher para revelar interesse num cavalheiro, teria que obedecer a uma série de

comportamentos, como uma posição da testa, uma certa forma de pestanejar e colocação das pernas e até o limite da abertura do decote teria que ser respeitado. Fazia-se comunicar com um leque, cuja forma de agitar poderia informar o pretendente se seria solteira, casada ou viúva. Já os homens exibiam-se com os seus objectos inconfundíveis: as bengalas, os charutos e as lunetas. Não esquecendo, ainda que o namoro ocorria sob o olhar de todos, nos passeios públicos, jardins, bailes, salas de teatro ou de ópera.

Por esta altura, todo o protagonismo público era do homem, significa isto, que a mulher se limitava a obedecer aos seus caprichos, onde num matrimónio a libertinagem do homem era muito vulgar. Raro era o marido que não frequentasse um bordel. Quanto às mulheres desta elite eram-lhes permitidos passatempos que enaltescessem a sua elegância e delicadeza, como a participação em jogos sociais, passear na praia, praticar música, especialmente piano, dedicar-se à pintura e exercer certas práticas desportivas como o ténis, a esgrima, o tiro ou a equitação. Neste propósito,

verifica-se também que os trajés envergados por estas mulheres, eram imponentes, com uma armação que cobria o vestido comprido e acrescentava à silhueta feminina um enorme saliência traseira, pois as formas opulentas com saliência no busto e nas nádegas eram a moda exibida nas montras dos vários armazéns em Lisboa (Chiado, Grandela e Casa Africana) e no Porto. Na cabeça o uso de chapéus era frequente e os cabelos usavam-se sempre compridos, em forma de canudos, de tranças apanhadas ou de carrapitos no alto da cabeça.



38



39



40



41



42



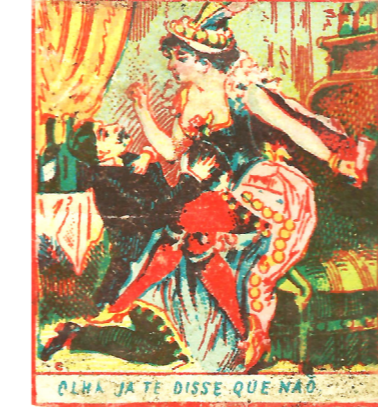
43



44



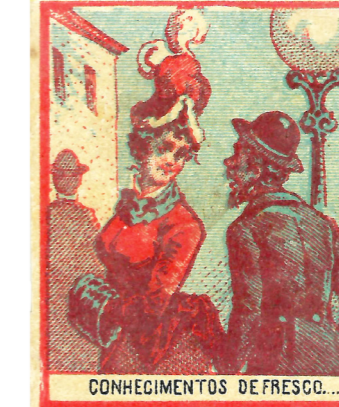
45



46



47



48



49



50



51



52



53

**38**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**39**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**40**  
Coleção | Botânica  
Fábrica | *C.A Geral de Phosphoros*  
Ano | 1870-1895

**41**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**42**  
Coleção | Lua de Mel  
Fábrica | *C.de Phosphoros*  
*Portuenses*  
Ano | 1870-1895

**43**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**44**  
Coleção | s/ título  
Fábrica | *C.A Geral de Phosphoros*  
Ano | 1870-1895

**45**  
Coleção | Série XVI  
Litografia | *Armarino*  
Fábrica | *Phosphoros Segurança*  
Ano | 1870-1895

**46**  
Coleção | Cenas Amorosas  
Fábrica | *C.de Phosphoros*  
*Portuenses*  
Ano | 1870-1895

**47**  
Coleção | Série XVI  
Fábrica | *Phosphoros Segurança*  
Ano | 1870-1895

**48**  
Coleção | Cenas Amorosas  
Fábrica | *C.de Phosphoros*  
*Portuenses*  
Ano | 1870-1895

**49**  
Coleção | s/título  
Fábrica | *Fábrica Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**50**  
Coleção | s/título  
Fábrica | *Fábrica Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**51**  
Coleção | s/ título  
Fábrica | *C.A Geral de Phosphoros*  
Ano | 1870-1895

**52**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**53**  
Coleção | Cenas Amorosas  
Fábrica | *C.de Phosphoros*  
*Portuenses*  
Ano | 1870-1895

**54**  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | *Segurança*  
Fábrica | *Boa Fé*  
Ano | 1870-1895

**55**  
Coleção | Série XVI  
Litografia | *Armarino*  
Fábrica | *Phosphoros*  
Ano | 1870-1895



56



57



58



59



60



61



62



63



64



65



66



67



68



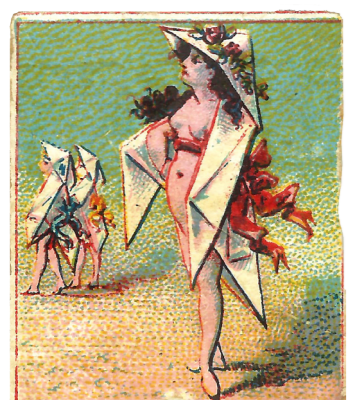
69



70



71



72



73



74



75



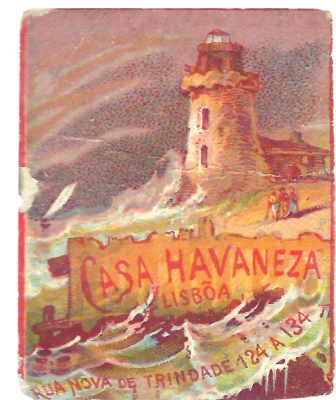
76



77



78



79

56  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armarino  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

57  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

58  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

59  
Coleção | s/título  
Litografia | Armarino  
Fábrica | L. Baschirta C°  
5 x 7 cm

60  
Coleção | Lola  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

61  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

62  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

63  
Coleção | Casa Havaneza  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

64  
Coleção | s/ título  
Litografia | Armarino  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

65  
Coleção | III  
Fábrica | Osti  
Ano | 1870-1895

66  
Coleção | s/ título  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

67  
Coleção | Alpinistas  
Fábrica | C. Phosphoros Portuenses  
Ano | 1870-1895

68  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armarino  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

69  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

70  
Coleção | Casa Havaneza  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

71  
Coleção | s/ título  
Litografia | Armarino  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

72  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

73  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

74  
Coleção | Casa Havaneza  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

75  
Coleção | III  
Fábrica | Osti  
Ano | 1870-1895

76  
Coleção | s/ título  
Litografia | Armarino  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

77  
Coleção | Alpinistas  
Fábrica | C. Phosphoros Portuenses  
Ano | 1870-1895

78  
Coleção | s/título  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

79  
Coleção | Casa Havaneza  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

80  
Coleção | Casa Havaneza  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895



80



81



82



83



92



93



94



84



85



86



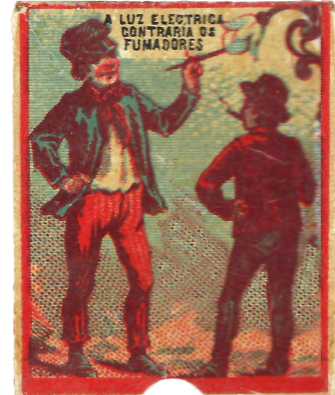
87



95



96



97



88



89



90



91



98



99



100

80  
Coleção | s/título  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

81  
Coleção | s/título  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

82  
Coleção | s/título  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

83  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

84  
Coleção | XIII  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

85  
Coleção | III  
Fábrica | Ostí  
Ano | 1870-1895

86  
Coleção | s/título  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

87  
Coleção | s/título  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

88  
Coleção | s/título  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

89  
Coleção | XII  
Fábrica | C.A Geral de Phosphoros  
Ano | 1870-1895

90  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

91  
Coleção | XII  
Fábrica | C.A Geral de Phosphoros  
Ano | 1870-1895

92  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

93  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

94  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

95  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

96  
Coleção | Poetas  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

97  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

98  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armario  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

99  
Coleção | Cenas do Quotidiano  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

100  
Coleção | Série XVI  
Litografia | Armario  
Fábrica | Progresso  
Ano | 1870-1895

O progresso do país pouco contribuiu para melhorar as condições de vida do povo e por esta altura aumenta a imigração. O destino mais sedutor é o Brasil.

Na Baixa lisboeta no final do século, iniciava-se a colocação de luz eléctrica, inclusive na iluminação pública, contudo a novidade foi vista como extravagância, como se verifica na ilustração do rótulo, em que a impossibilidade do fumador utilizar os candeeiros a gás para acender o cigarro é satirizada.



101



102



103



104



116



117



118



119



107



108



105



106



120



121



124



125



111



112



113



114



115



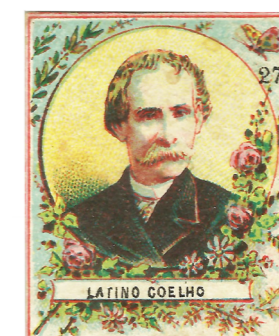
126



127



128



129



130

101-115  
Coleção | Personalidades  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

116-130  
Coleção | Personalidades  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895



131



132



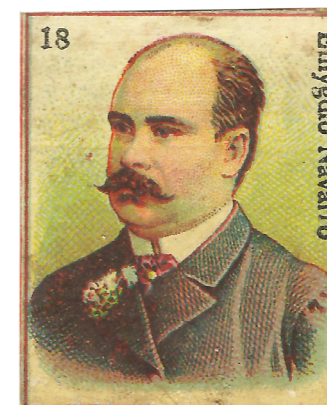
133



134



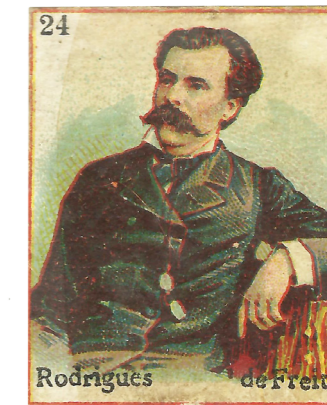
142



143



144



145



135



136



137



138



135



146



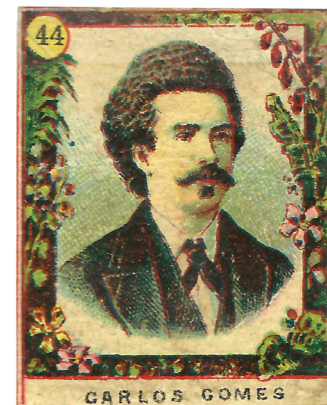
147



148



131



139



140



141



149



150



151



152

131-141  
Coleção | Personalidades  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

142-152  
Coleção | Personalidades  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895



153



154



155



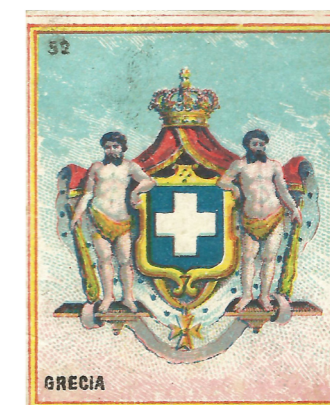
156



161



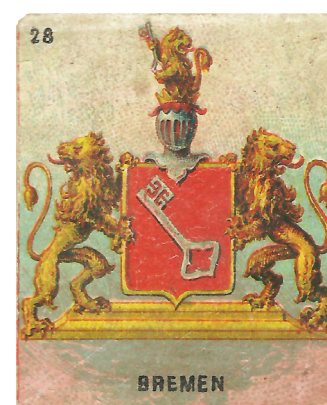
162



163



164



157



158



159



160



165



166



167



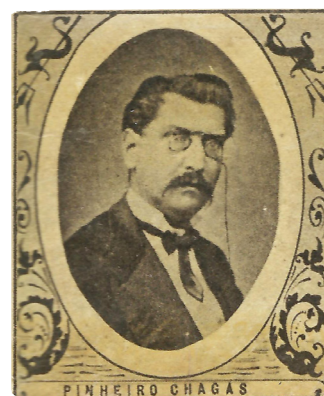
168

153-160  
Coleção | Brasões  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895

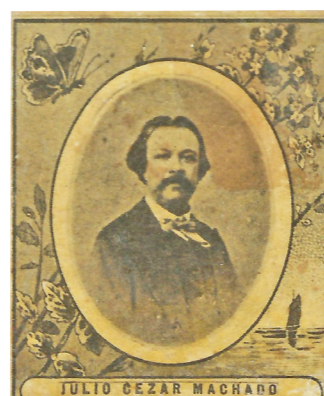
161-168  
Coleção | Brasões  
Litografia | Segurança  
Fábrica | Boa Fé  
Ano | 1870-1895



169



170



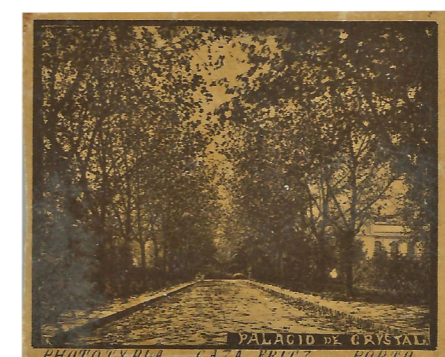
171



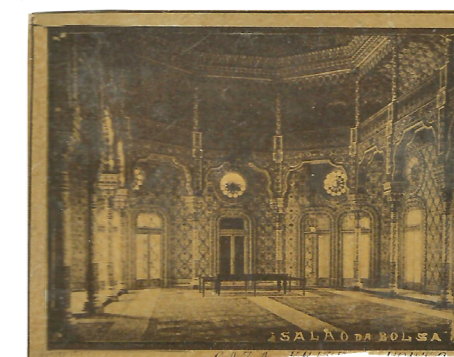
172



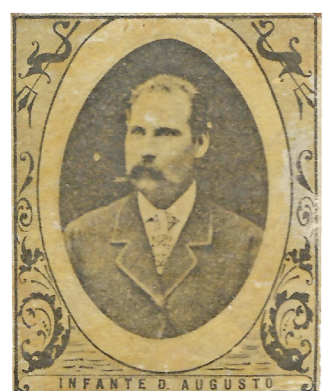
181



182



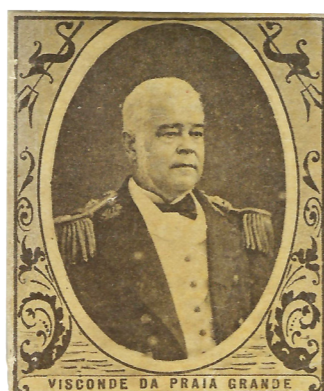
183



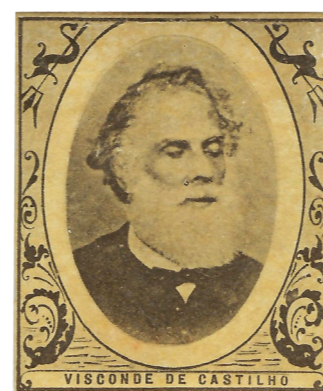
173



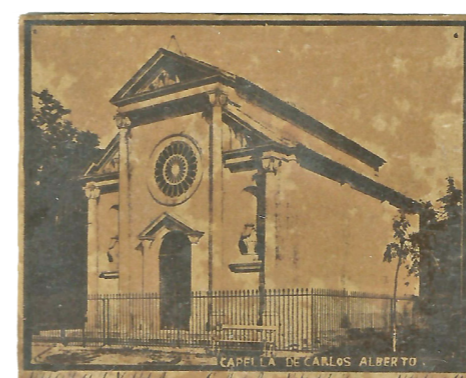
174



175



176



184



185



186



177



178



179



180

169-180  
Coleção | Personalidades p.b  
Fábrica | Phosphoros Segurança  
Ano | 1870-1895

181-186  
Coleção | Fotografia Cidades  
Fábrica | Phototypia  
Ano | 1870-1895



COLEÇÃO  
1895 - 1990

CAPÍTULO 03

# 03

# OS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

“Se a inspiração da arquitectura política vem de Inglaterra, os hábitos, esses, são claramente importados de França. Paris é o farol da sociedade portuguesa para as ideias, as modas, os costumes, os comportamentos e o estilo de vida.”  
(Vieira, 1999)

Enquanto a *Belle Époque* festeja com euforia a entrada no século XX, Portugal, mantinha-se como um país de contrastes, caracterizado por uma grande instabilidade social e económica onde sobrevivia um regime de monarquia constitucional ainda em vigor em 1900. Apesar de tudo, o país continua a progredir, muito lentamente e quase imperceptível.

No princípio do século XX, é na Baixa que se situa a confluência da Lisboa comercial, da Lisboa marítima, da Lisboa do trabalho e do prazer. É ali a zona elegante, cosmopolita, mas também política, com os intelectuais, os artistas e os conspiradores nos cafés, com as senhoras que paulatinamente procuram ter direito ao espaço na cidade. Pelas cinco, bebe-se o chá. Pode fazer-se compras nos grandes estabelecimentos, vai-se ao cinema e ao teatro.

O início deste século iria revelar entre nós um prolongamento do gosto revivalista-historicista, mesclando o vitoriano, da segunda metade do século XIX com o recém surgido *Art Nouveau* visíveis nas ilustrações florais, ornamentadas e saturadas que preenchiam as extremidades laterais das embalagens de fósforos da *Companhia Portuguesa de Phosphoros*



187

187  
Coleção | Mulher  
Fábrica | Companhia Portuguesa de Phosphoros  
Ano | 1900

A escolha tipográfica dos títulos era quase sempre desenhada caprichosamente dentro de listéis ou fitas deambulantes e contrastava com os tipos sem serifa que frequentemente eram usados para textos secundários

Destacam-se, assim, as colecções de retratos fotográficos femininos e de monumentos e cidades portuguesas. Aliás, o desenvolvimento da fotografia, com emulsões mais rápidas, câmaras mais leves e com enquadramento por visor exterior, permitiu a democratização do retrato fotográfico, incrementando a vaidade e favorecendo a auto-estima da população. Por toda a parte, estúdios de fotógrafos e mercados são invadidos por pessoas que pretendem imortalizar o momento através dos retratos de grupo ou individuais. Desta forma podemos afirmar que o retrato estava sem dúvida na moda, já não pertencia apenas à aristocracia mas também ao povo..

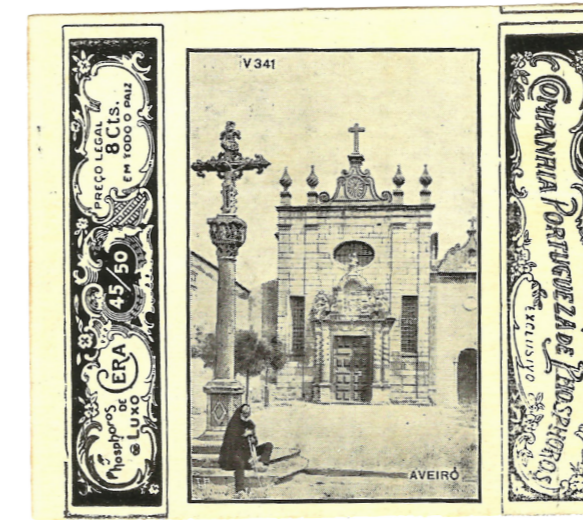
Note-se que a Instauração da República em 1910 foi acompanhada por profundas alterações na sociedade. A nobreza ficou sem os seus direitos e o povo conquistou um novo estatuto social. Novos hábitos, novas liberdades, novas estéticas, novas modas e certos ruídos da emancipação feminina expuseram então uma nova expressão.

Apesar da vida libertina portuguesa das primeiras décadas do século XX se concentrar sobretudo na capital, a literatura, as artes plásticas e a imprensa levam a mensagem da frivolidade a toda a parte. Num clima de ostentação, já nos apelidados “loucos anos 20”, a catarse do fim da 1ª Guerra Mundial tomou forma de ousadia e extravagância. Os prazeres intensificam-se pela noite dentro e a baixa lisboeta está repleta de cabarés, clubes mundanos, casinos e salas de espectáculo onde todos os excessos são admitidos. A festa é completada com espumante, gelo, fósforos e tabaco. A vida nocturna, celebrada por letreiros luminosos nos telhados do Rossio, ilustra a vida boémia deste período, em que a trindade atraente é a mulher, a dança e o champanhe.

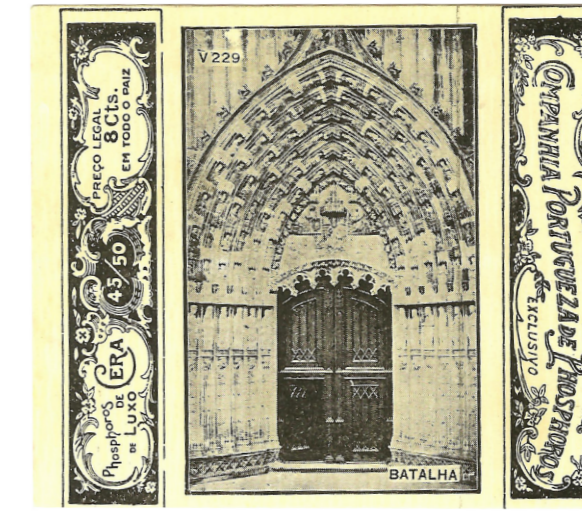
Neste contexto a carteira de fósforos passa a fazer parte desta elite que ambiciona ser moderna e multiplicar a sua presença nos circuitos noctívagos.



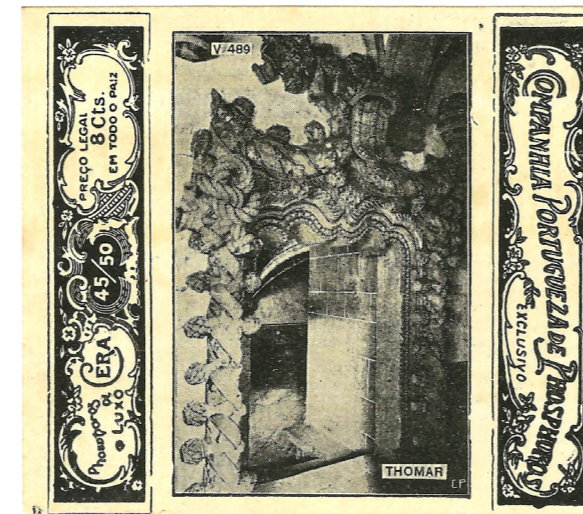
188



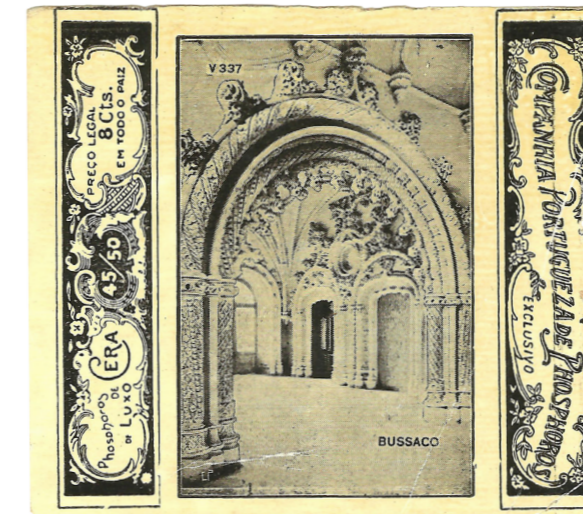
190



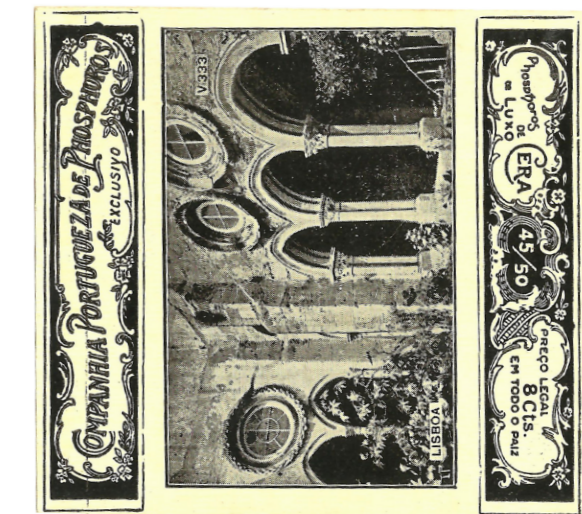
191



189



192



193

**188-189**  
Colecção | Cidades  
Fábrica | Companhia Portuguesa de Phosphoros  
Ano | 1900

**190-193**  
Colecção | Cidades  
Fábrica | Companhia Portuguesa de Phosphoros  
Ano | 1900

# O ESTADO NOVO

## A ICONOGRAFIA NACIONALISTA

Após a queda da 1ª República, a 28 de Maio de 1926, a Ditadura Militar que foi instaurada e que preparou o Estado Novo, reformou a breve trecho o que havia sido feito entre 1911 e 1926, moldando à ideologia nacionalista que estava construindo a imagem do património. De facto, se numa primeira fase os governos da Ditadura Militar adoptaram o plano legislativo que haviam herdado da República, numa segunda etapa, e manifestamente sob a influência peremptória de António de Oliveira Salazar, o regime ditatorial modificou profundamente essa legislação e assumiu um percurso que culminaria num trabalho de “maquilhagem” do país, concedendo-lhe uma fingida aparência de modernidade, assente na valorização da sua história e cultura entendida enquanto uma concepção de consecutivos heróis compondo uma mitificada singularidade portuguesa.

Os Portugueses foram, por isso, invadidos com propaganda do Estado Novo carregada de simbologia patriótica cujas bases ideológicas passavam pela triologia Deus, Pátria, Família que associados davam origem ao nacionalismo do regime, que prometia a manutenção da dignidade, independência e integridade da pátria, afirmando claramente que apenas ele o podia realizar com êxito.



194

194  
Embalagem de Fósforos  
Fábrica | Sociedade Nacional de Fósforos (SNF)  
Ano | 1949



195



196



197



198



199



200



201



202



207



208



209



210



203



204



205



206



211



212



213



214

195  
Coleção | Nacionaes  
Fábrica | SNF  
Ano | 1926

196  
Coleção | 80  
Fábrica | SNF  
Ano | 1927

197  
Coleção | Aguiá  
Fábrica | SNF  
Ano | 1928

198  
Coleção | Elefante  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1928

199  
Coleção | Tigre  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1929

207  
Coleção | Portugueses  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

208  
Coleção | Nacional  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

209  
Coleção | Vencedores  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

210  
Coleção | Lisboetas  
Fábrica | SNF  
Ano | 1932

211-214  
Coleção | Cidades  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1932

200  
Coleção | Girafa  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1929

201  
Coleção | Caravela  
Fábrica | SNF  
Ano | 1930

202  
Coleção | Caravela  
Fábrica | SNF  
Ano | 1930

203  
Coleção | Vencedores  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

204  
Coleção | Pátria  
Fábrica | SNF  
Ano | 1932

205  
Coleção | Pátria (verso)  
Fábrica | SNF  
Ano | 1932

206  
Coleção | Pátria n°2  
Fábrica | SNF  
Ano | 1931

207  
Coleção | Portugueses  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

208  
Coleção | Nacional  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

209  
Coleção | Vencedores  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1931

210  
Coleção | Lisboetas  
Fábrica | SNF  
Ano | 1932

211-214  
Coleção | Cidades  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1932

Na amostra em estudo, verificamos a existência de um conjunto de produção gráfica que confirma a existência de padrões iconográficos relacionados com os ideais apontados. Esses exemplares valorizam a monumentalidade e o historicismo do povo português com recurso a imagens e símbolos como as quinas, as ameias, as Cruzes de Cristo e Aviz, brasões, e a letra gótica. Encontramos também alusão aos Descobrimentos e ao seu imaginário através da apologia a animais exóticos originários dos

territórios conquistados, a caravelas, a figuras históricas como Vasco da Gama e Luís Vaz de Camões, a lutas pela independência, evocando conquistas de personagens referentes à história de Portugal como D. Afonso Henriques e símbolos como, Castelos, Quinas e Muralhas. Aliás, o culto do herói Afonso Henriques e a sua missão de dilatar a fé cristã foram outra das importantes funções acometidas à nação portuguesa, segundo a óptica do Estado Novo: a propagação da fé e, conseqüentemente, da civilização. Era

também comum, como podemos observar os fabricantes das marcas de fósforos, atribuírem aos seus produtos nomes relacionados com essa imagética, tais como: Pátria, Lusitanos, Mocidade, Quinas, Sagres, Aviz, Nacional, Lusos, Imperial, Lusíadas, entre outros. Por outro lado, constatamos também que nestes mesmos rótulos era frequente o destaque das designações de Portugal e Fabrico português, que para além de destacarem a proveniência do produto, invocavam o "orgulho de ser português."



223



224



225



215



216



217



218

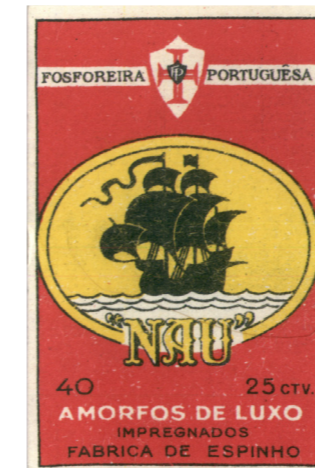


226



227

Nesta época emergiu também um clima de espectáculo, onde o teatro, a revista e o cinema adquiriram grande popularidade. Diversos designers souberam aproveitar os traços característicos do panorama e da atmosfera deste período, traduzindo-os e aplicando-os no mercado das artes gráficas. Pela primeira vez actores portugueses falam em português numa história portuguesa, surgindo neste momento os primeiros filmes sonoros portugueses (A severa-1931; A canção de Lisboa-1933) o que gera uma grande audiência e que dá origem a edições especiais de embalagens de fósforos.



219



220



221



222

223-227  
Coleção | Severa  
Fábrica | SNF  
Ano | 1931-32

215  
Coleção | Imperials  
Fábrica | SNF  
Ano | 1933

216  
Coleção | Lusitanos  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1933

217  
Coleção | Lusos  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano | 1933

218-219  
Coleção | Nau  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1934

220  
Coleção | Douro  
Fábrica | SNF  
Ano | 1934

221  
Coleção | Galera  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1934

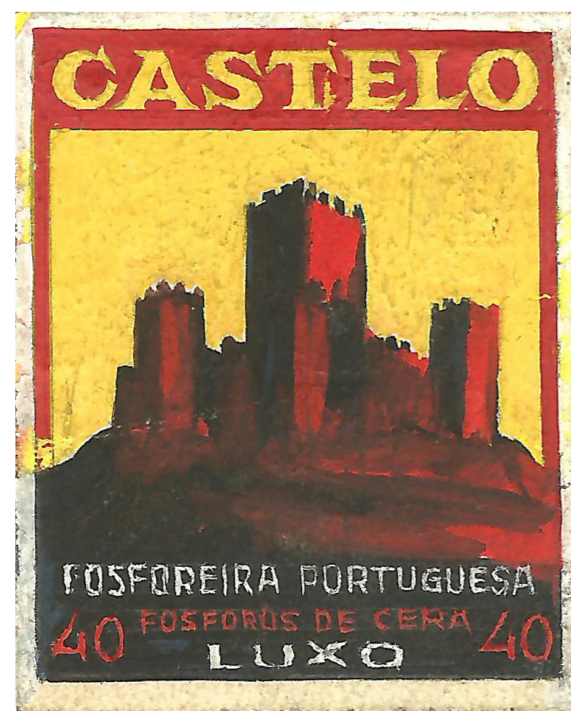
222  
Coleção | Gama  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1935



228



229



230

## A PROPAGANDA NACIONALISTA

A expressão gráfica portuguesa do Estado Novo tinha como missão pedagógica, intervir no coração da comunidade e alterá-lo.

Neste sentido, os novos valores morais como a família e lar, triunfaram até nas caixas de fósforos. É neste período, durante a década de 30, que o país conhece um grande crescimento demográfico, não pelo aumento da fertilidade, esta até diminui, mas devido ao declínio da mortalidade e também à crise mundial que afectou o fluxo migratório português, pois este foi suspenso.

Todos estes factores vieram alterar a estrutura familiar, fazendo com que o regime vigente se servisse da propaganda visual para explorar o novo conceito de família. Salazar repetia exaustivamente a trilogia "Deus, Pátria e Família" que retratava com representações imagéticas ideais de felicidade, união, paz e segurança familiar.

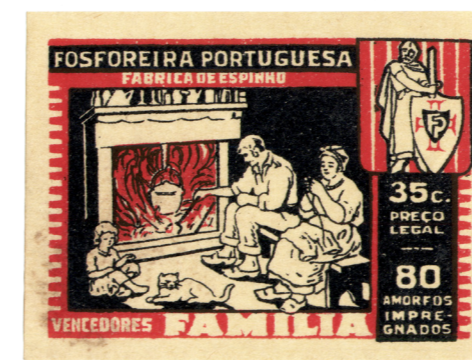
A existência de um conjunto de propaganda política, ideológica e estética do novo regime, estava sob a direcção de António Ferro, Secretário de Propaganda Nacional, que tinha como objectivo criar estratégias para uma publicidade ideológica com a pretensão de enaltecer e valorizar a história do povo português concebida através de uma linguagem simples, de fácil de leitura e eficaz. Era normal que essa propaganda surgisse em forma de ilustrações, em vez de palavras para fornecer às pessoas de forma mais directa as informações que tão avidamente aguardavam.



231



233



234



232



235



236

228  
Coleção | Imperio  
Conjunto de maquetes originais do rótulo Imperio  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1938

229  
Coleção | Castelo  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1938

230  
Coleção | Castelo  
Maquete original do rótulo Castelo  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

231  
Coleção | Lar  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1939

232  
Coleção | Maquete original Luar  
Fábrica |Fosforeira Portuguesa

233  
Coleção | Lar  
Fábrica |Fosforeira Portuguesa  
Ano |1940

234  
Coleção | Família  
Fábrica |Fosforeira Portuguesa  
Ano |1941

235  
Coleção | Patria  
Fábrica | SNF  
Ano |1941

236  
Coleção | Patria Luxo  
Fábrica | SNF  
Ano |1941



237



238



239



240



249



250



251



241



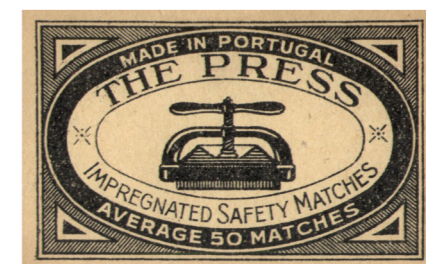
242



243



244



252



253



245



246



247



248



254



255



256



257

**237**  
Coleção | Monte-Mar  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1941

**238-242**  
Coleção | Monte-Mar  
Conjunto de maquetes originais do rútilo Monte-Mar  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**243**  
Coleção | Especiais para os administradores delegados da Fosforeira  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**244**  
Coleção | Especiais para os administradores delegados da Fosforeira  
Maquete original  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**245**  
Coleção | Especial os portugueses somos do ocidente  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**246**  
Coleção | Especial Dedesa Nacional  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**247**  
Coleção | Especial para o Embaixador de Portuga  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**248**  
Coleção | Rumos  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**249**  
Coleção | s/titulo  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos

**254**  
Coleção | Lis  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1941

**250**  
Coleção | Almirante  
Fábrica | SNF

**255**  
Coleção | Filigrana  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1941

**251**  
Coleção | Antónios  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**256**  
Coleção | Lux SerieS cães  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**252**  
Coleção | The Press

**257**  
Coleção | Lux  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**253**  
Coleção | Antivento  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

A Exposição Colonial do Porto em 1934, serviria de ensaio à Exposição do Duplo Centenário (ou do Mundo Português) de 1940.

O então ministro das Finanças, António Salazar tinha uma visão para o Império, que passava pelo o Espaço Económico Português se constituir num todo, para isso, impôs uma centralização administrativa e económica pondo fim à autonomia financeira, ficando tudo fixado em Lisboa. Desenvolveu as trocas comerciais entre a Metrópole e os territórios do Ultramar e a longo prazo, Lisboa obteve um fluxo importante de divisas vindas do Ultramar, defendia se, portanto, a indústria portuguesa.

Foi com esta perspectiva que o Estado procurou difundir a ideia de que todo o português

era também colonial e que não poderia deixar de o ser, sob pena de findar a própria existência nacional. Deste modo, implanta a ideia de que Portugal era multi-continental por constrangimento histórico e a sua própria existência dependia da manutenção dessa característica identitária. Este facto, era visto não apenas de uma óptica política mas também sob um ângulo estritamente económico. As colónias deviam ser parte do todo económico nacional que corresponderia ao todo político.

Assim, quando Armindo Monteiro, a partir de 1931, se torna Ministro das Colónias, o Estado Novo procurou engendrar uma campanha de propaganda com o propósito de fortalecer externamente a noção do Império Colonial e internamente expôr aos portugueses a ideia de

um Portugal Imperial, propagado pelo Mundo, imenso, uno e indissolúvel, que distinguirá o regime nas décadas seguintes.

Desta forma, foram também exportadas para as colónias portuguesas diversas caixas de fósforos com rótulos dedicados às paisagens, ao povo, à fauna e flora dessas comunidades.

A Exposição Colonial realizada no Porto em 1934, foi mais uma forma de mostrar interna e externamente a harmonia e a vastidão do Império Colonial Português. Diversas indústrias do Norte de Portugal, nomeadamente, a Fosforeira Portuguesa, viram neste evento uma forma de promover a conquista dos mercados coloniais, em particular os africanos



258



259



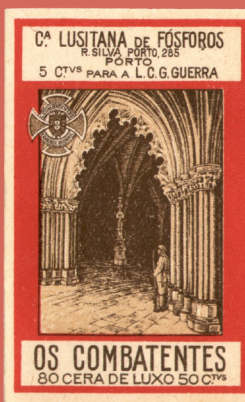
260



261



262



263



264



265



266



267



268



269



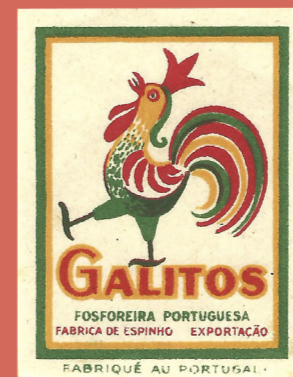
270



271



272



273



274



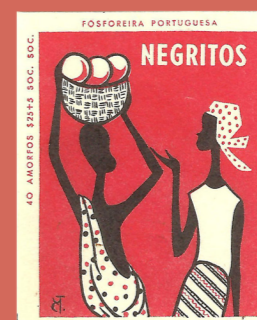
275



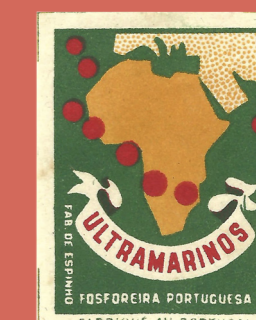
276



277



278



279

258-267

Colecção | Rotúlos de exportação para as colónias portuguesas  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
C. Lusitana de Fósforos, SNF,  
Ano |1930-50

268

Colecção | Imperiais Edição comemorativa da 1ª Exposição colonial Portuguesa  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1934

269-79

Colecção | Rotúlos de exportação para colónias as portuguesas  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
C. Lusitana de Fósforos, SNF,  
Ano |1930-50

Chegado o ano de 1940, comemorou-se o oitavo centenário da fundação da nação, isto é, quando D. Afonso Henriques se proclamou rei, e o terceiro centenário da restauração de Portugal.

A “Exposição do Mundo Português” denominada como “a grande festa da família” foi um sucesso, tendo sido considerada uma acção promocional sem comparação no percurso da Nação. O estilo gráfico utilizado nos materiais de divulgação da exposição, iriam servir de inspiração para uma múltipla série de objectos comemorativos nomeadamente, rótulos para as caixas de fósforos.



280



281



282



287



288



289



290



283



284



285



286



291



292



293



294

**280**  
Colecção | 8 séculos  
Fábrica | SNF  
Ano |1940

**281**  
Colecção | Lux nº2  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*  
Ano |1943

**282**  
Colecção | Lux nº2  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*  
Ano |1943

**283**  
Colecção | Sagres  
Maquete original do rótulo Sagres  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*

**284**  
Colecção | Sagres  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*  
Ano|1944

**287**  
Colecção | Guarda-chuva  
Fábrica |SNF  
Ano|1949

**288**  
Colecção | Guarda-chuva  
Fábrica |SNF  
Ano|1945

**289**  
Colecção | Guarda-sol  
Fábrica |*C. Lusitana de Fósforos*

**290**  
Colecção | Sisal  
Fábrica |SNF  
Ano|1946

**291**  
Colecção | Pousada  
Fábrica | *C. Lusitana de Fósforos*  
Ano|1948

**285**  
Colecção | Papel  
Maquete original  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*

**286**  
Colecção | Fosforos de Papel  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*  
Ano|1944

**292**  
Colecção | Girassol  
Fábrica | *C. Lusitana de Fósforos*  
Ano|1947

**293**  
Colecção | Joanelha  
Fábrica | SNF  
Ano|1947

**294**  
Colecção | Monte Mar  
Fábrica | *Fosforeira Portuguesa*

Com o propósito de abranger toda a juventude - escolar ou não - para estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria, no sentimento da ordem, no gosto da disciplina, no culto dos deveres morais, cívicos e militares, a Mocidade Portuguesa criada em 1936 sob a orientação de Oliveira Salazar era vista e apresentada como um dos contributos significativos para o desenvolvimento do "espírito".

Contudo, a sua acção começou posteriormente a ser mais moderada, ficando os jovens mais libertos para outro tipo de actividades, tais como a dedicação ao colecionismo. Muitas crianças começam a coleccionar uma série de carteiros de fósforos.

Para incentivar o culto do colecionismo no público infantil a marca de fósforos Fosforeira Portuguesa, produziu uma edição que homenageava os mais novos.



295



296



297



304



305



306



307



298



299



300



308



309



310



311



301



302



303



312



313



314



315

295  
Coleção | Miudos  
Maquete original do rótulo Miudos

296  
Coleção | Miudos  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1951

297-303  
Coleção | Série Miudos  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1955

304-315  
Coleção | Série Miudos  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1955



316



317



318



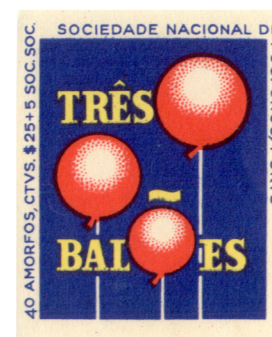
319



320



321



322



323

## PÓS 2ª GUERRA

A cidade de Lisboa era agora das mais cosmopolitas da Europa. Ao longo da década de 1940, Portugal tinha assistido à passagem de milhares de estrangeiros fugidos à Guerra. Refugiados políticos, conferiram a Lisboa uma heterogeneidade cultural e iniciaram, simultaneamente, um processo de choque de mentalidades. A pacata e puritana capital observa agora os homens que não usam chapéu e as mulheres oriundas de França, Holanda, Polónia que fumam na rua. Estes estrangeiros, eram os novos-ricos do comércio de guerra que chegavam a Portugal em busca de prazeres requintados que já eram raros na Europa. À semelhança da mulher estrangeira, e sob a

influência dos novos hábitos trazidos por esta, a mulher portuguesa já se pode sentar num café, sem o receio de ser criticada. Os cafés eram, assim, anunciados na imprensa como a última conquista da mulher.

Estes gostos mais modernos e sofisticados que já iam contaminando muitos portugueses das classes urbanas educados com fortes doses de filmes de Hollywood são demonstrados também na expressão visual da época .

Portugal escapou à 2ª guerra mundial, assim como, do seu cortejo de horrores, de destruição e da dezena de milhões de mortos, porém não

ficou isente dos efeitos desta. A guerra mudou o mundo e não mais regressariam as jornadas gloriosas do Estado Novo dos anos 30. O ditador teve de se confrontar com as dificuldades que consistiam em manter a esta bilidade mínima do país, proveniente de uma agitação social causada pelas carências da economia de guerra e pela agitação política motivada na derrocada dos fascismos europeus.

Esta instabilidade reflectiu-se no grafismo dos rótulos das caixas de fósforos que abandonaram o nacionalismo neste período dos pós guerra e adquiriram uma mensagem e expressão gráfica mais cosmopolita.

**316**  
Coleção | Brasões  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1952

**317-320**  
Coleção | Brasões  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1959

**321**  
Coleção | Aviator  
Fábrica | SNF  
Ano |1952

**322**  
Coleção | Três Balões  
Fábrica | SNF  
Ano |1950

**323**  
Coleção | Flama  
Fábrica | SNF  
Ano|1952

**285**  
Coleção | Papel  
Maquete original  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa

**286**  
Coleção | Fosforos de Papel  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1944



324



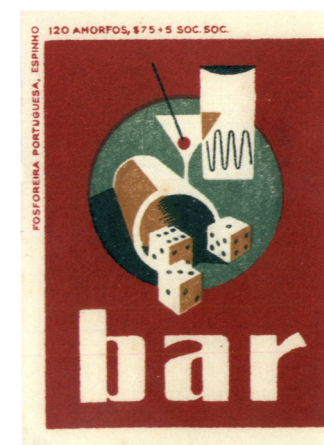
325



326



327



328



329

**324**  
Coleção | Chapeu Alto  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1950

**325**  
Coleção | Chapeu Alto  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1952

**326**  
Coleção | Chapeu Alto  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano |1953

**327**  
Coleção | Azes  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano |1953

**328-329**  
Coleção | Bar  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1954



330



331



332



336



337



338



339



333



334



335



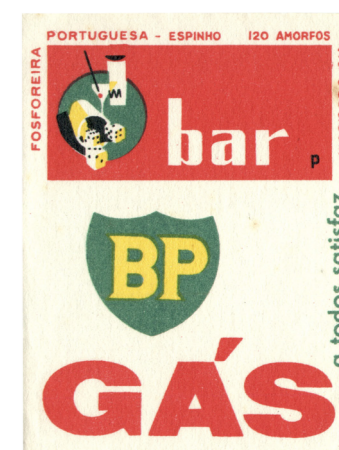
340



341



342



343

330  
 Coleção | Bar  
 Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
 Ano|1955

331-335  
 Coleção | Série Bar  
 Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
 Ano|1956

336- 343  
 Coleção | Série Bar  
 Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
 Ano|1956-58

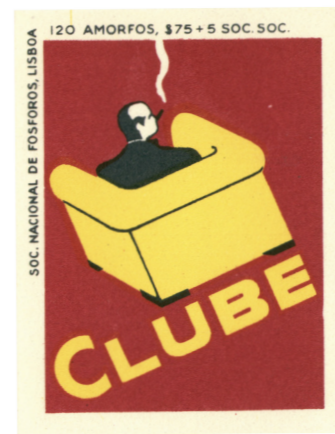
## A EXPLOÇÃO DA CULTURA DE MASSAS

Os anúncios traduzem a atmosfera de optimismo, elegância e conforto de uma sociedade que prospera e se afasta do trauma da guerra. Nas décadas de 50 e 60, os consumidores são invadidos com a competitividade entre as marcas de diversos produtos, tanto nacionais como estrangeiros devido ao aumento do poder de compra das classes médias e de um maior orçamento por parte das donas de casa. Até no lar as tarefas domésticas são facilitadas por uma gama de novos electrodomésticos.

Com o avanço exacerbado da campanha publicitária, a escolha das imagens e de um slogan passa a ser rigorosa. Como observamos, a ilustração assumia na maioria das vezes a ferramenta principal da comunicação do produto,



344



345



352



353



354



355



346



347



356



357



358



359



348



349



350



351



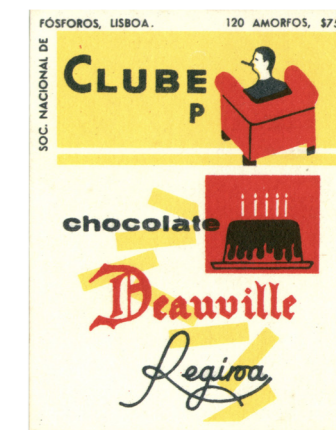
360



361



362



363

344  
Coleção | Clube  
Fábrica | SNF  
Ano|1957

345-351  
Coleção | Série Clube  
Fábrica | SNF  
Ano|1957-58

352-363  
Coleção | Série Clube  
Fábrica | SNF  
Ano|1957-58



364



365



366



367



376



377



378



379



368



369



370



371



380



381



382



383



372



373



374



375



384



385



386



387

364-375  
Colecção | Série Clube  
Fábrica | SNF  
Ano | 1957-58

376-383  
Colecção | Série Clube  
Fábrica | SNF  
Ano | 1957-58

384-387  
Colecção | Quinas  
Fábrica | SNF  
Ano | 1959



388



389



390



391



392



408



409



410



411



412



393



394



395



396



397



413



414



415



416



417



398



399



400



401



402



418



419



420



421



422



403



404



405



406



407



423



424



425



426



427

388-407  
Colecção | Quinas  
Fábrica | SNF  
Ano|1959

408-427  
Colecção | Quinas  
Fábrica | SNF  
Ano|1959

### Thomas Melo

No período em questão, invadido por publicidade, destacou-se uma série de rótulos, tanto pela sua temática como pela sua expressão gráfica. A intensa mancha cromática, bem como o traço espesso e singular, realçam a qualidade técnica desta colecção tão distinta.

Thomaz de Mello, ilustre figura da segunda geração Modernista e das artes gráficas portuguesas foi o único artista identificado como autor de alguns dos rótulos da amostra apresentada. O seu traço sintetizado de pincelada densa e com cores planas adaptaram-se perfeitamente à miniatura. Thomaz de Mello desenhou estas 6 etiquetas para os rótulos de embalagens de fósforos da *Sociedade Nacional de Fósforos*, com o tema Flores, com os mesmos predicados de síntese gráfica.



428



429



430



431



432



433



434



435



436



437



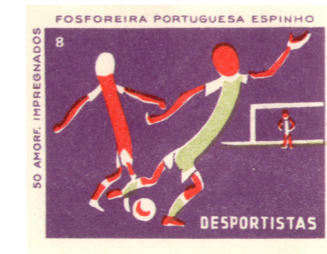
438



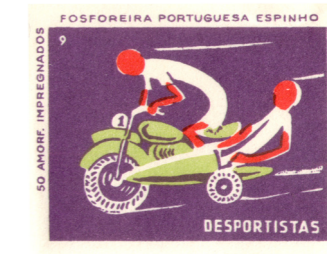
439



440



441



442



443



444



445



446



447



448



449



450



451



452



453



454



455

**428-433**  
Colecção | Flores  
Fábrica | SNF  
Ano|1959

**434-439**  
Colecção | Desportistas  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1959

**440-443**  
Colecção | Desportistas  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1959

**444-455**  
Colecção | ASES  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1960



456



457



458



459



460



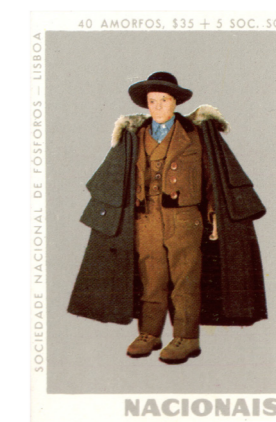
466



467



468



469



470



461



462



463



464



465



471



472



473



474



475



476



477



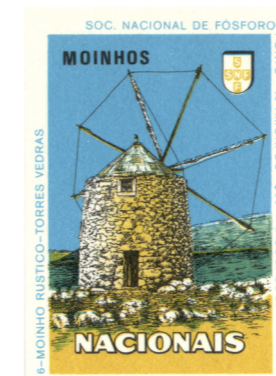
478



479



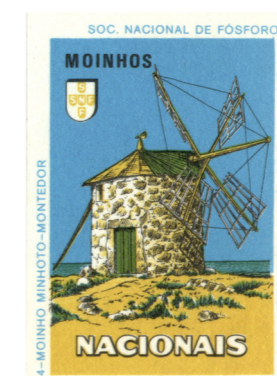
480



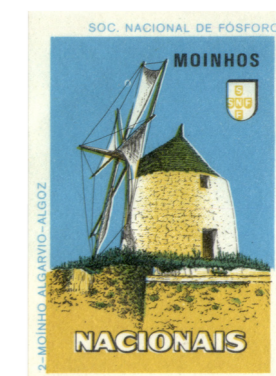
481



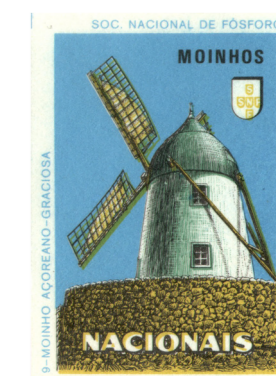
482



483



484



485

456-475  
Colecção | Trajes  
Fábrica | SNF  
Ano|1968

476-485  
Colecção | Moinhos  
Fábrica | SNF  
Ano|1967

456-475  
Colecção | Trajes  
Fábrica | SNF  
Ano|1968

476-485  
Colecção | Moinhos  
Fábrica | SNF  
Ano|1967



486



487



488



489



490



491



492



493



494



495



496



497



498



499



500



501



502



503



504



505

486-505  
Coleção | Bichos  
Fábrica | SNF  
Ano | 1968



506



507



508



509



510



511



512



513



514



515



516



517



518



519



520

506-517  
Coleção | signos do zodiaco  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1970

518-520  
Coleção | 120  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano | 1970



521



522



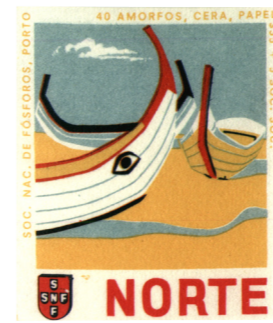
523



524



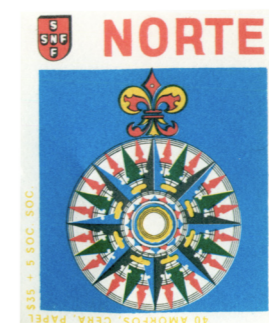
525



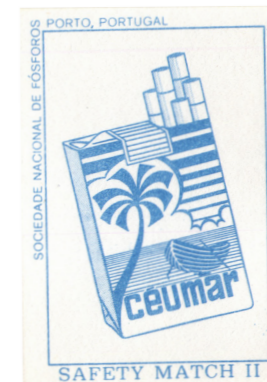
536



537



538



539



540



526



527



528



529



530



541



542



543



544



531



532



533



534



535



545



546



547

**521-522**  
Coleção | 120  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1970

**523-524**  
Coleção | Cuca  
Fábrica | SNF  
Ano|1971

**525-530**  
Coleção | Bichos P  
Fábrica | SNF  
Ano|1973

**531-532**  
Coleção | Chama P  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano|1973

**533-534**  
Coleção | Cruzado  
Fábrica | SNF  
Ano|1974

**535**  
Coleção | Chama  
Fábrica | C. Lusitana de Fósforos  
Ano|1971

**536-538**  
Coleção | Norte  
Fábrica | SNF  
Ano|1974

**543**  
Coleção | Safety Match  
Fábrica | SNF  
Ano|1976

**539**  
Coleção | Ceu Mar  
Fábrica | SNF  
Ano|1975

**544**  
Coleção | Muitas Raças Um Só Povo  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1973

**540**  
Coleção | Ceu Mar  
Fábrica | SNF  
Ano|1974

**545**  
Coleção | Leão  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1972

**541**  
Coleção | LM  
Fábrica | SNF  
Ano|1975

**546**  
Coleção | Leão n.º 2  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1973

**542**  
Coleção | Borboletas  
Fábrica | SNF  
Ano|1974

**547**  
Coleção | Muitas Raças Um Só Povo  
Fábrica | Fosforeira Portuguesa  
Ano|1973



548



549



550



551

## APÓS 25 DE ABRIL

Depois do 25 de Abril de 1974, e com a extinção do regime do Estado Novo que persistiu mais de 40 anos, a política do património em Portugal apreciou novas direcções, ainda que a ideologia e a influência política não abdicaram de estar presentes, ou seja, o nacionalismo tornou-se em algo politicamente incorrecto mas fomentaram-se novos valores políticos e sociais, como a democracia, a liberdade de expressão, a igualdade de direitos, entre outros.

Contudo, se anteriormente a simplicidade de uma caixa de fósforos combinava bem com os brandos costumes portugueses, depois da vulgarização dos acendedores e isqueiros

devido à extinção das taxas e coimas que durante o Estado Novo eram aplicadas a quem utilizasse e comercializasse esses produtos, a indústria fosforeira começou a perder força e em simultâneo qualidade gráfica e diversidade temática nos seus rótulos.

Livre de preconceitos, a emergente sociedade de consumo duramente concorrencial, de cariz fortemente individualista, afastou-se da lógica do pensamento universal do movimento Moderno e fomentou a mudança e pluralidade de tendências, preenchendo grande parte dos rótulos com anúncios dos mais variados produtos, utilizando a fotografia publicitária frequentemente.

Neste sentido, a partir dos anos 80 verificou-se a coexistência de várias tendências estéticas e movimentos de vida efémera que se expressaram num cenário de indefinição e de ecletismo. Esta realidade não ficou alheia ao facto dos softwares gráficos iniciarem a sua propagação e chegarem ao alcance de quase todos. Podemos, então, afirmar que a grande transformação na expressão visual, foi a captação e disseminação da imagem, decorrente de uma "revolução digital" que se apresentou como sendo uma das gigantescas mudanças e inovações das décadas finais do século XX.



552



553



554



555



556



557



558



559

548-549  
Colecção | Progas  
Fábrica | SNF  
Ano | 1978

550-555  
Colecção | Prolar  
Fábrica | SNF  
Ano | 1978-84

556-559  
Colecção | Prolar  
Fábrica | SNF  
Ano | 1978-84



556

Colecção | Made in Portugal  
Ano | 1990